

Stadium

Em plena estrada, o esforço dos estradistas tem momentos de verdadeira grandeza. Às vezes, a um «esticão» mais forte, os pelotões quebram-se e as corridas tornam-se mais emocionantes. João Rebelo e Max André não se separam: um auxilia o outro, mesmo que não queira. É a lei da estrada!



N.º 227
9 DE ABRIL DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Registrarão-se resultados muito curiosos na jornada número quinze

Sporting não escorra! — Benfica consolida-se em 2.º — ... Mas nenhum concorrente desanima: todos querem fazer o seu melhor!

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

O Campeonato Nacional retomou o fio da regularidade. Os adeptos voltaram a acostumar-se ao Torneio, nas suas incertezas e ao mesmo tempo altos e baixos. Porque, verdadeiramente, não surpreende que um grupo faça hoje uma boa exibição e amanhã se diminua, dado que tudo depende do adversário... De resto, a actuação dum *team* está sujeita à influência de muitos factores.

Alguns dos concorrentes mantêm a sua *forma*. Outros sobem e outros descem. O que nos parece indiscutível é que a competição faz bem às equipas menos categorizadas, não habituadas a provas de vulto. A primeira vitória do Sanjoanense ressoa como toque de clarim. Evidentemente, o atraso do campeão de Aveiro é já tão grande que se torna impossível a sua melhoria na Tabela. Mas é agradável ver um *team* subir e devemos aplaudir os seus esforços no sentido de se elevar ao nível próprio da competição. A jornada número quinze fornece os seguintes resultados:

Sanjoanense 3	—	Elvas..... 0
Famalicao... 6	—	Académica.. 1
Olhanense.. 1	—	Vitória S... 1
Atlético.... 1	—	Sporting... 6
Porto..... 0	—	Belenenses.. 0
Benfica..... 3	—	Estoril..... 1
Vitória G... 8	—	Boavista.... 0

A Tabela dá-nos entretenimentos de leitura. A primeira vitória do Sanjoanense, os volumosos *scores* de Famalicao e de Guimarães, e o empate de Olhão são páginas que merecem ser lidas com atenção.

A classificação geral apresenta o seguinte quadro:

Sporting 28 pontos, 14 vitórias e 1 derrota, 77 bolas contra 28; *Benfica* 22, 11 vitórias e 4 derrotas, 51-33; *Belenenses* 19, 8 vitórias, 3 empates e 4 derrotas, 39-17; *Porto* 18, 8 vitórias, 2 empates e 5 derrotas, 42-27; *Estoril* 15, 7 vitórias, 1 empate e 7 derrotas, 56-34; *Guimarães* 15, 6 vitórias, 3 empates e 6 derrotas, 32-30; *Olhanense* 15, 7 vitórias, 1 empate e 7 derrotas, 36-54; *Vitória de Setúbal* 15, 6 vitórias, 3 empates e 6 derrotas, 29-22; *Allético* 14, 6 vitórias, 2 empates e 7 derrotas, 26-38; *Académica* 14, 6 vitórias, 2 empates e 7 derrotas, 33-50; *Boavista* 11, 4 vitórias, 3 empates e 8 derrotas, 27-44; *Elvas* 11, 5 vitórias, 1 empate e 9 derrotas, 39-51;

Famalicao 10, 4 vitórias, 2 empates e 9 derrotas, 39-61; *Sanjoanense* 3 pontos, 1 vitória 1 empate e 13 derrotas, 15 bolas contra 62.

Nos cinco primeiros lugares não houve alterações, mas os dois da frente afastaram-se um pouco mais. O Vitória de Guimarães subiu e o de Setúbal desceu. A Académica também baixou um degrau. Os quatro últimos postos são ocupados pelos mesmos clubes.

Marçaram-se 31 bolas, e vários resultados são de desnível. Mesmo tratando-se de *lutas* cujas forças supúnhamos equilibradas... Uma coisa são as equipas no papel, e outras em campo. Seja isto lugar comum, trata-se de uma verdade!

A síntese dos encontros

E começemos ao acaso... Por exemplo, pela partida de S. João da Madeira. Há coisas curiosas no futebol! O que se passa com o Sanjoanense ilustra o caso. O grupo tem estado, noutras oportunidades, próximo da vitória, e enfim conseguiu-a — quando se apresentava desfalecido...

O triunfo é tanto mais valioso quanto é certo que o Elvas lutou com ânimo, do princípio ao fim. A sua linha dianteira executou, mesmo, vistosas combinações, mas pecou por falta de remate. Isto, verdade seja, também poderá significar defesa organizada por parte do adversário.

Na verdade, com um guarda-redes seguro, o bloco defensivo dos *sãojoões* apresentou-se sólido, e

tal permitiu um ataque vivo e desembaraçado. Por sinal, um ataque que teve um chefe e uma movimentação de que o aspecto prático dá uma ideia nítida.

Sanjoanense — Barbosa, Joaquim, Costa Leite, Santa Clara, Baptista, Carvalho, Parda, Rocha, David, Azevedo e Silva.

Elvas — Semedo, Henrique, Neves, Rebelo, Toninho, Oliveira, Morais, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

Árbitro — Borques Leal, de Lisboa.

O Famalicao conquistou um belo triunfo, e a resistência oposta pela Académica mais valoriza essa vitória. Diga-se desde já o seguinte: o grupo de Coimbra não se deixou dominar; antes lutou com a sua costumada energia do princípio ao fim. Mas uma coisa é atacar, e outra marcar bolas. Quase todas as avançadas dos académicos foram conduzidas pelas asas; na conclusão das mesmas não houve quem, no centro do terreno, realizasse praticamente.

Os jogadores do Famalicao, pelo contrário, mostraram-se expeditos no remate. A vivacidade dos seus dianteiros, a sua rapidez e a maneira pronta de chutar às redes deram-lhes uma bela vitória. O Famalicao, jogando em sua casa, é *team* para colocar em dificuldades qualquer adversário...

Famalicao — Augusto, Armando, Cerqueira, Costa, Ferrão, Szabo, Manita, Pires, A. Pereira, Adelino e Mendes.

Académica — Szabo, J. Santos, Óscar, Aristides, M. Reis, Brás,

Ataz, Nobre, Garção, Azeredo e Bentes.

Árbitro — Vieira da Costa, do Porto.

O desafio de Olhão tinha grande interesse local. Esse interesse era aguçado pela rivalidade que existe entre os dois clubes...

Como é natural, os algarvios lançaram-se abertamente ao ataque. Bem alimentados, os dianteiros evoluíram no terreno com desenvoltura e *aperlaram* em frente das balizas. Como consequência, os setubalenses concentraram-se na defesa; não dando, porém, a ideia de dominados. Sempre que surgiu, realmente, a oportunidade de fuga dos setubalenses, estes não deixaram os créditos por mãos alheias.

A primeira parte acabou sem *goals*. Na segunda, aos 34 minutos, Nunes fez o ponto setubalense, e o desânimo apoderou-se dos locais. Todavia, estes continuaram a lutar com tenacidade, e a dois minutos do fim, Grazina estabelecia a igualdade.

Grazina foi, de resto, a base do grupo, bem acompanhado por João dos Santos. Assim, a linha média teve o maior quinhão no triunfo. No grupo de Setúbal todos se comportaram com denodo. A defesa salientou-se pelo seu bom trabalho.

Olhanense — Abraão, Rodrigues, Eminência, João dos Santos, Grazina, Ricardo, Soares, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Moreira.

Vitória de Setúbal — Baptista, Montez, Armando, Pereira, Costa, Soeiro, Campos, Nunes, Rendas, Viegas e Passos.

Árbitro — João dos Santos Junior, de Lisboa.

Na Tapadinha disputou-se um desafio muito interessante! O Sporting, em boa disposição de jogo, realizou uma exibição assaz valiosa. Colocando-se em vencedor com relativa facilidade, aumentou gradualmente a margem dos seus *goals* e o poder do seu futebol.

Já na primeira parte, os *leões* haviam mostrado a sua invulgar faculdade de realização. Ao dominarem a situação em campo, os sportinguistas puderam aproveitar uma triangulação rápida à base do domínio de bola e da antecipação. Os atléticos, como que surpreendidos, desorientaram-se um pouco...

O trabalho dos atléticos teve a característica de defensiva, mas o da Tapadinha não deixaram de atacar uma vez por outra. Por sua desfortuna, encontraram sempre pela frente um bloco defensivo organizado. Ainda um adversário que passou da defesa ao ataque facilmente. Pôde a linha da frente do Sporting organizar avanços sobre avanços de boa lavra.

Allético — Correia, Baptista, Castro, José Lopes, Diamantino, Morais, Manuel da Costa, Gregório, Barbosa, Simões e Marques.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Barrosa, Canário, Veríssimo, Juvenal, Armando, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Árbitro — José Serandeses, de Lisboa.

O Porto merecia, porventura, ganhar o desafio, se atendermos às contingências do jogo e ao seu domínio territorial. Entretanto,



CHAPELARIA E CAMISARIA

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 10-C.
TELEFONE 4 3482 — LISBOA

Os melhores: os cavalos e os touros

deve dizer-se, os portuenses não souberam tirar proveito dessa vantagem, teimando em aproximar-se das balizas no desejo de remeter à certa. Porque o Belenenses nunca se desconjuntou na defesa, e de aí ao ataque vai um passo...

Os lisboetas, pelo contrário, alvejavam as balizas de longe, dando muito trabalho ao guarda-redes adversário. As suas contra-ofensivas foram realizadas pelas asas, em fugas rápidas, com passagens largas de boa colocação. Registe-se o magnífico comportamento dos lisboetas, ao verem-se reduzidos a dez unidades, pela expulsão de Vasco e a inutilização de David. Nesse crucial período, o Porto intensificou o domínio territorial, mas o seu ataque não conseguiu dominar a defesa de Belém.

Ambas as equipas disputaram a partida com muita energia, mas uma arbitragem demasiadamente folgazã permitiu violências. É por isso que o árbitro e os jogadores estragem por vezes os desafios.

Porto—Barrigana, Alfredo, Gui-lhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Catolino, San-fins e Zeca.

Belenenses — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Comas, David, Andrade, Elói, Teixeira da Silva, Quaresma e Rafael.

Árbitro—Vasco Ataíde, de Coim-bra.

Há vitórias que são conquistas sem grandes dificuldades, apesar dos números não traduzirem a expressão em campo. O Benfica dominou insistentemente no capítulo territorial, e mais poderia ter feito se não complicasse jogadas que se apresentavam...

Porque há que ter confiança numa equipa que dispõe de uma linha média esforçada e que sabe jogar a bola. Estes médios deram muitos passos à frente, e os dianteiros desperdiçaram oportunidades em pequenos toques e em golpes de efeito, esquecendo-se da finalidade.

E Estoril produziu pouco, mas a verdade é que tem uma forte atenuante para a sua exibição. Não é sem graves preocupações que um *team* vê uma das suas unidades, e logo o centro-dian-teiro, posto fora do combate, mesmo que por causas fortuitas. O grupo comportou-se regularmente no ataque — quando atacou. Já na defesa, nem sempre revelou a ligação que caracteriza os grupos sólidos.

Benfica — Martins, Félix, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsenio, Baptista, Melão e Rogério.

Estoril — Sebastião, Pereira, Alberto, Oliveira, Nunes, Fragateiro, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Osvaldo.

Árbitro — Domingos Godinho, de Lisboa.

O triunfo dos homens de Guimarães merece um destaque especial, devido a uma razão especial: essa vitória não nasceu de imponderáveis, mas é antes uma afirmação de futebol de qualidade. Tanto no trabalho de conjunto, como na apreciação individual, o Vitória de Guimarães afirmou-se uma equipa à altura da prova. Os *goals* resultaram de

Teve boa entrada a tradicional corrida de Domingo de Páscoa, da qual, saibam-se já, os melhores foram os cavalos, e os cavaleiros, claro, Simão, com dois novos portentos, e Casimiro, com outro, também notável. Bem estavam os touros, mas dos toureiros abaixo falaremos, mal, naturalmente.

1.º — Gordo negro. Agostinho dobra-o nas tábuas. Simão, montando o cavalo ferro Grave, andalhe em redor, e tem de usar da sua arte para o vencer a levar a 1.ª farpa. Agostinho dobra-o novamente, e Simão consente muito e, de frente, crava a 2.ª farpa, muito aplaudida. Mais passagens apertadas, entra bem de frente, e falha. Insiste de frente, e crava a 3.ª, também aplaudida. Um curto espectacular, bem preparado. Ovação. Passagens apertadas até ao toque. Um curto laborioso e aplaudido. Garrett pega valentemente à 3.ª tentativa. Chamados cavaleiro e forçado.

2.º — Agostinho dá alternativa a Lázaro e sai outro negro, bragado, com patas, e o novato não o pára, porque não pode. Ale e Procópio preparam para bandarilhas. O pretendente deixa 4 pares bons, com alegria e boas atitudes. Palmas. Corre a uma mão, em boa prova, e depois prepara para pegar, com intervenção final de Agostinho. E há uma rija pega dum dos de Alcochete. Palmas ao examinando e ao forçado, e ambos dão a volta ao redondo.

3.º — Salgado, gordo. Após capotados de Procópio, superiores, José Casimiro deixa uma farpa, que cai, e depois outra, que fica. Palmas. Outra boa, de frente. Palmas. Outra que cai. Um bom curto. Palmas. E outro, no meio da praça. Muitas palmas. E cerra com mais um curto, no meio e de fren-

jogadas de excelente combinação. Porque o Boivista, apesar do desnível das bolas, não se comportou como equipa vencida ou que facilmente se deixa bater... Pelo contrário, os boavistas reagiram e lutaram, fazendo todo o possível por mudarem a face da partida. Simplesmente o Vitória estava numa toada de grande inspiração... Uma tarde de vitória!

O primeiro tempo acabou com 2-0, mas na segunda parte os *goals* sucediam-se com regularidade; cereja puxa cereja... Registaram-se lances de brilho, e o remate culminou a magnífica movimentação do quadro.

Vitória de Guimarães — Machado, José da Luz, Curado, José Morais, Luciano, João, Franklim, Rebelo, Brício, Teixeira e Alcino.

Boavista — Mota, Vinagre, Pereira, Raimundo, Sarafim, Ramos, Zeca, Armando, Caiado 2.º, Caiado 1.º e Barros.

Árbitro — Manuel Serrano, de Coimbra.

T. S.

te. Toca para a volta e os de Alcochete cornelham e rabjam bem, e são chamados com o cavaleiro.

4.º — Salgadinho, com pêlo de inverno. «Espartero» recebe-o de joelhos, por três vezes, valente. Palmas. Móra dá lances de «chicuelinas», largos. «Espartero» deixa meio par ao «quebro», largo também, e insiste, sem resultado, porque o touro «gazepea». A 3.ª é pior. Ao quarteio deixa um bom par, e cai o toureiro, mas fazem-lhe o «quites». Outro quarteio, francamente mal. Passes por alto e por baixo, de pé e de joelhos, mas não convence, e há protestos. «Molinetes», «desplantes», parando algumas vezes, com desejo de agradar, o que não consegue. Perde a «muleta», e sai disparando «derechazos» bons, e simula. Palmas, e contra-palmas.

5.º — Da mesma pelagem, tamanho e tipo. Móra lanceia à «verónica» e perde a capa. Continua com vista, apertando-se por «gaoneras». Palmas. «Espartero» intertem por «chicuelinas». Soa a música para Móra bandarilhar, o que faz com graça, deixando meio par. Palmas. O 2.º é magnífico. Muitas palmas. E o 3.º confirma um bom bandarilheiro. Mais palmas. O 4.º seria inverosímil, se lá ficasse. Brinda ao público, que já o aplaude. Faina de luta livre, dobrando, de pé e de joelhos, valente. A luta continua, e o entusiasmo decresce. No meio da praça, pára-se nalguns passes, e dá dois naturais e um de peito, aplaudidos. Num intento de «molinete» de «rodillas» há um momento de perigo. Simula. Palmas.

Após o intervalo, sai outro salgado, e Simão crava 2 farpas com elegância, mas logo muda de cavalo e aparece com outro, preto, bonito. Tem o ferro de Andrade e faz a sua estreia, e entra com graça na sorte, deixando o cavaleiro mais uma farpa aplaudida. Depois um curto magnífico. Palmas. O cavalo anda em «passagem» e entra bem num curto, aplaudidíssimo. Larga as rédeas ao estreatre, e há palmas. Correia rasga um capote. Uma passagem e deixa um par imponente. Ovação prolongada, com apoteose à saída do cavaleiro, que está a cavalo, já com dois cavalos bons, o «Graves» e este. Guilherme Pereira chama às tábuas, há um intento de pega, com derrote e desistência. E depois uma boa pega. Chamada ao cavaleiro sempre triunfante, e que dá a volta com o forçado, recolhendo chapéus.

7.º — Negro bragado, para José Casimiro, que sai também com um cavalo bonito, ruço, e sabendo «gallear». Crava 3 farpas aplaudidas. Um curto apertado, e bom. Ovação. Outro, com toque, por valente. Palmas. Outro curto aplaudido e outro aplaudido também. E ainda outro com alma. Palmas. Procópio, incansável, prepara para uma pega, de que resultam numerosos trambolhões

e discussões entre o «inteligentes» e os forçados, que o queriam pgar à volta, ao que aquele não cedeu. Palmas a José Casimiro, que agradece discretamente.

8.º — Negro, com bragas. «Armilita», irmão do novilheiro espanhol, sai com o mexicano «Espartero», que aqui é terreno neutro do conflito hispano-mexicano. O mexicano lanceia à «verónica», distanciado, e o seu compatriota Móra fá-lo por «gaoneras», atropeladamente. «Espartero» agarra nas bandarilhas e, ao som da música, quebra bem. Palmas. Insiste para o lado contrário, e acerta outra vez. Palmas. E triplica, idem. E palmas idem. Começa por alto na sombra e continua no sol, que já vai alto também. Volta à sombra, e dum lado e doutro sofre perseguições por culpa dos peões, o que rima e é verdade. Perda de duas «muletas», e do touro, que derrotava mas tinha arranjo, porque era bravoito.

E sai o último, negrito também, e Fernandes dobra com fato novo, o da alternativa de Diamantino. Móra lanceia com aplausos, que se repetem em dois faróis. Espartero intertem de frente por detrás. Palmas. Móra deita meio par, e é colhido no 2.º par, sem consequências. O 3.º é aplaudido. Móra brinda a Diamantino. Aplausos. E faz faina de luta, como no seu 1.º, tentando o natural pouco naturalmente, depois um «molinete» de joelhos e, sempre atropeladamente, dá duas aproximadas «manolinas», e um peito, sempre com dós de peito porque o mexicano canta muito. Roto e descomposto termina sem «muletas» e quase em muletas, e assim termina a corrida, de que se salvaram os cavaleiros.

Juízo crítico

Salvaram-se os cavaleiros, os dois que perderam os seus melhores cavalos e que já arranjaram outros, especialmente Simão da Veiga, que apresentou dois novos, um com o ferro Grave e outro Andrade, este último maravilhoso, e José Casimiro um também bom, sabendo «gallear». O êxito grande foi de Simão, que aproveitou bem o seu 1.º e melhor o seu 2.º, justificando ovação e chamados. José Casimiro também ouviu aplausos, apesar de ter deixado colher várias vezes o tal bom cavalo, com que lidou o seu 2.º touro. E os touros do sr. dr. Norberto Pedrosa, gordos os de cavalo e em boa conta os dos mexicanos, estes sem os sabermos lidar, nem corrigir algum defeito, nem aproveitar a bravura. Dos mexicanos preferimos não falar, e também nalguns portu-gueses, que não de Procópio.

Os forçados de Garrett tiveram mais valentia que sorte.

Rogério Perez

O SARAU *anual* do LISBOA GINÁSIO



1 — Um belo trecho dos vãos realizados pelos magníficos atletas do Lisboa Ginásio; 2 — As ginastas do clube num exercício de grande beleza rítmica; 3 — A classe infantil revela o excelente método pedagógico do referido Instituto de Educação Física



4 — A classe de homens num modelar exercício; 5 — Um apontamento correcto e perfeito; 6 — Em paralelas, uma atitude harmoniosa. 7 — A graça da mulher portuguesa revelada num artístico e romântico bailado!



Na grande área do Porto, Quaresma e Telxreira da Silveira combinam... Mas a defesa adversária chegará a tempo de impedir ou dificultar o remate

PORTO e BELENENSES

empatam no Estádio de Lima



Os jogadores belenenses procuram organizar os seus lances com método



O Porto chuta de longe, e Capela executa uma defesa por alto



Elói remata às balizas, mas a bola é interceptada pelo adversário. O Porto organizará uma perigosa contra-ofensiva



O Campo de C...
rique inaugur...
recentemente...
rios melho...
mentos no...
rink de patin...
gem, numa fe...
simpática. A...
nina Mar...
Helena Sim...
exibiu-se e...
agado em p...
nagem artíst...

A VIDA DESPORTIVA FORA DO ESSE MUNDO

FUTEBOL

EM INGLATERRA

No último sábado de Março * efectuaram-se as semi-finais do torneio denominado «Taça da Associação de Futebol», a mais importante competição a eliminar do calendário inglês.

Em Blackburn, jogaram o Liverpool, terceiro classificado da 1.ª Divisão no Campeonato da Liga, e o Burnley, segundo da 2.ª Divisão.

Os 53.000 espectadores que presenciaram as 2 horas de luta — contando o prolongamento — viram que o guarda-redes de Liverpool não teve um chute único, decente, a defender e quase sucedeu o mesmo ao keeper contrário. Resultado: 0-0.

Os trios defensivos das duas equipas mostraram-se eficazes, e os dois médios-centros actuaram superiormente.

Stubbins, o famoso dianteiro centro de Liverpool esteve desajudado pelos interiores, produzindo pouco. A receita foi de 11 mil libras.

Os dois grupos jogam a desforra a 12 do corrente, em Manchester.

No outro desafio, o clube londrino Charlton esmagou o Newcastle United, 4.º classificado da 2.ª Divisão, por 4-0, na presença de 48.000 espectadores.

O resultado brilhante da jornada deve atribuir-se ao capitão do grupo vitorioso, Donald Welsh, pela disciplina imposta aos jogadores, que trabalharam como um conjunto extremamente ligado.

Desde o pontapé de saída, os avançados do Charlton tomaram a ofensiva. Foram dez minutos terríveis para os de Newcastle. Ao 19.º, depois da marcação de um «canto», Dawson fez o primeiro ponto.

A três minutos do termo da 1.ª parte, Welsh marcou o 2.º tento e um minuto depois conseguiu o 3.º.

O quarto «goal» foi realizado dez minutos após o intervalo e, desde então, a vitória do clube londrino tornou-se perfeitamente segura.

O Charlton já no ano findo fora finalista da Taça, perdendo com o Derby County, durante o prolongamento.

♦ No campeonato divisionário da Liga registou-se: vitórias de Aston Villa, Blackpool, Grimsby Town, Bolton, Portsmouth, Sunderland e Wolves, respectivamente sobre Chelsea (2-0), Leeds United (3-0), Brentford (1-0), Derby County (3-1), Middles (3-1), Sheffield U. (2-1) e Preston North End (4-1).

O Wolves continua à cabeça com 46 pontos, seguido do Blackpool (44), Liverpool (41) e Manchester United (40).

O Arsenal e Charlton continuam na cauda com riscos de mudarem para a 2.ª Divisão.

No mesmo dia, em Newport, realizou-se o desafio de futebol entre a Inglaterra e a Gales (amadores), vencendo a primeira por 4-1.

NATAÇÃO

A estreia de Alex Jany na América

O forte nadador francês * Alex Jany, recém-chegado aos Estados-Unidos depois de uma travessia tormentosa do Atlântico, apareceu em público, pela primeira vez, vinte e quatro horas depois de desembarcar do paquete «Queen Elisabeth».

Jany, ainda fatigado, ganhou a prova de 220 jardas (201 metros), estilo-livre, em 2 minutos 11,5 segundos, batendo alguns dos melhores nadadores americanos, entre eles Gene Rogers e Gene Koslo, do Nova York A. Clube.

A vitória de Jany foi folgada.

HIPISMO

A Corrida de Sebes em Auteuil

A primeira corrida importante da temporada hípica, em Auteuil (França), produziu verdadeira surpresa.

Viceroy, um cavalo de seis anos da coudelaria de Léon Granier, com vantagem ponderal de cinco a quinze libras sobre o restante lote, arrancou o prémio de 800.000 francos, classificando-se em primeiro lugar na «Grande Corrida de Sebes da Primavera».

O «Prémio Adolphe Abeille» coube ao veterano equideio Trés à l'Aise, batendo Nasilleur por 2 comprimentos, na recta final.

ATLETISMO

O corta-mato das Seis Nações

Coube a Rafael Pujazon, o célebre corredor francês, ganhar a corrida individual do corta-mato entre as equipas francesa, inglesa, belga, irlandesa, escocesa e galense.

Pujazon percorreu as 9 milhas do trajecto (14.481 metros) em 50 minutos e 27 segundos. Em segundo lugar chegou o belga Jean Chapellet, em 50 m. 51,4 s. e em terceiro o francês La Hivécine em 51 m. 04,8 s.

Por equipas a França obteve o 1.º posto (34 pontos), seguida da Bélgica (86 pontos), Inglaterra (105), Irlanda (133), etc.

NOTA DA SEMANA

O último sábado do mês findo foi um dia verdadeiramente excepcional no calendário desportivo inglês. Nada menos que meia dúzia de competições atléticas, algumas importantíssimas, se desenrolaram no país de John Bull: em Aintree (Liverpool) a corrida de obstáculos hípicas denominada Great National; em Blackburn e Leeds, as meias-finais da Taça de futebol; em Londres, a regata de Oxford e Cambridge; em Newport, o desafio de amadores Gales-Inglaterra e em Sunderland, à noite, o match de ténis de mesa Inglaterra-Escócia.

Difícilmente se poderá encontrar paralelo em qualquer outro país, mesmo que seja o Estados-Unidos ou a U. R. S. S., ambos centros populacionais que deixam a Inglaterra a perder de vista.

Se o dileitante quisesse deslocar-se na direcção dos quatro pontos cardeais encontraria um dos seis notáveis acontecimentos no caminho. Mesmo assim, nos terrenos de Swansea, o «quinze» da Gales derrotou o da Irlanda no desafio internacional de rugby e 40 outros matches de futebol, a contar para o Campeonato divisionário da Liga, se produziram, reunindo uma assistência de cerca de seiscentas mil pessoas!

Estes números e dados estatísticos podem parecer, à primeira vista, somente uma dimensão inexpressiva do movimento desportivo britânico. Todavia, não o é. Seria demasiada esultitica supor-se que em Inglaterra se cultiva o «colossal», como sucede nos Estados-Unidos, por exemplo.

Não! O que houve, no sábado, 29 de Março, foi apenas um conjunto de circunstâncias a reunir na mesma data acontecimentos sensacionais, mas, tal facto, longe de produzir efeitos nocivos na bilheteira, antes veio demonstrar o entusiasmo da turba pelo desporto, uma vez que se calcula em dois milhões e meio o número de espectadores que acorreram aos «campos» de futebol, às tribunas do «sturf» e às margens do rio Tamisa.

Difícilmente se toparia melhor tributo de fé desportiva que esta dedicação das massas.

R. B.

REMO

Cambridge venceu Oxford

No percurso clássico de Putney a Mortlake, no rio Tamisa, a equipa de remadores da Universidade de Cambridge bateu a de Oxford pela 49.ª vez no tempo de 23 minutos e 1 segundo — o pior que se regista desde 1871.

Oxford ganhou a escolha do local de partida e instalou-se na margem do Surrey, mas, desde o primeiro minuto, a superioridade de Cambridge tornou-se evidente.

No fim da primeira milha já a equipa azul-clara tinha 9 segundos de atraso e na ponte de Hammersmith 18. Quando atingiu a meta, Cambridge levava 34 segundos de avanço e encontrava-se relativamente fresca enquanto que Oxford chegou exausta.

Até hoje, os «azuis-escuros» contam 49 vitórias e 1 empate e Oxford 43.

Este ano, como nos demais, a assistência ascendeu a algumas centenas de milhar de espectadores.

BOXE

Nova vitória de Cerdan

Harold Green, o antigo vencedor de Graziano, sucumbiu ao 2.º assalto, demolido pelos punhos de Marcel Cerdan. A luta findou logo que o francês, em magnífica forma, acelerando o ataque, atingiu o americano no alto da cabeça.

Toda a Imprensa reconhece que os direitos de Cerdan ao título são superiores aos de qualquer outro pugilista de momento. Apesar disso, os empresários não preferem ver o diadema em poder de um estrangeiro.

Gunar Barlund reaparece

O campeão finlandês de todas as categorias, Gunar Barlund, que se revelou há dez anos como excelente promessa nos Estados-Unidos, reapareceu na Suécia, ganhando por pontos, em 10 rounds, ao escandinavo Nils Andersen.

Também estivemos em Paris...

LONDRES, Abril de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Também fomos a Paris. Uma viagem de Londres à capital francesa, tendo lá a nossa equipa de futebol, seria agradabilíssima, e não recusámos. Fomos até o Estádio de Colombes, a fim de ver o Portugal-França. De resto, estando próximo ao encontro Portugal-Inglaterra, gostávamos de colher opiniões impressivas sobre o nosso possível comportamento.

Émos de retroceder. Estivemos em Lisboa há meses, em férias, e assistimos ao jogo Charlton-Benfica. Conversando com Rodrigues Teles, demoso-lhe a nossa opinião, pouca e desapalxonada, o mais portuguesa que seria possível:

«O Charlton não possui das melhores equipas de Londres. Longe disso. É boa, sem ser famosa. E no Estádio Nacional, jogou como qualquer grupo amador: — vagorosamente, fugindo ao embate, remetando fora do tempo».

Queríamos dizer que o Charlton não quis ganhar? Não. Os Ingleses, embora em toada de exibição, gostam de vencer. Mas, quando o jogo não conta para o campeonato, o comportamento é mais leve, menos duro, menos arrogante.

Pareceu-nos que foi assim em Lisboa.

Émos para Londres... Portugal foi efectuando os seus jogos, e a vitória contra a França e principalmente contra a Espanha, impressionou-nos agradavelmente, através da leitura dos jornais. Por isso nos deslocámos para Paris. Confiávamos no trabalho de nossa equipa, embora soubéssemos que a França, vencedora de Inglaterra, de outras nações como a Jugoslávia e a Áustria, tivesse no actual momento um grupo temível.

No entanto, não regressámos a Londres com boa impressão. Os portugueses não jogaram bem. Tampouco a França. Mas isso já disseram os bons críticos e especialmente o seleccionador nacional, Teveres de Silva, com quem tivemos a honra de conviver em Londres, quando de sua viagem à Irlanda.

Chegámos até aqui para falar de outro coisa: — Do Portugal-Inglaterra, seguramente. Se Portugal jogasse tão pouco como em Colombes, poderia surgir um grande desastre. A Inglaterra joga hoje um futebol prático, e no último encontro de Paris não se viu nada disso. Nem de um lado nem do outro. Quer isto dizer que a derrota seja inevitável? Quer isto dizer que Portugal não será capaz de jogar bem no próximo encontro do Vale do Jemor?

Não tanto. Preciso, na verdade, de jogar muito mais se quiser fazer figura em frente do *team* de Lawton, de Matthews e de tantas figuras altamente classificadas no futebol inglês. Lá isso é verdade. A Inglaterra, pelo que vimos em Colombes, está uns furos acima, em qualquer dos sectores. Não há, possivelmente, arte na sua maneira de jogar. Mas todos os seus elementos são próximos, decididos, remetadores. Nem tudo é mecânico, bem feito, mas do

defesa ao ataque demoram-se segundos. Três toques — e a bola gira de um lado ao outro do campo.

A equipa portuguesa pode fazer boa figura. Isso desejamos ardentemente, visto que lhe falta esta prova para justificar a série de bons resultados até aqui obtidos. Ou melhor: — para se impor no mundo da bola, visto que as vitórias contra a Espanha, Irlanda e França já não podem ser destruídas.

Todas as cautelas são poucas. Portugal não pode jogar contra a Inglaterra como em Colombes, e mesmo como no Estádio Nacional contra a Espanha, a despeito de ter registado a sua maior vitória. Os Ingleses conhecem o a b c de cor. Quando pretendem ganhar, empregam-se terrivelmente, pelo menos até entontecer o adversário. Depois — exibem-se, mercendo «goals».

Enfim, regressámos de Paris apreensivos. A exibição de Portugal não esteve com certeza na linha natural do seu valor, e daí este repeto e estas observações. Que é preciso jogar muito mais, no próximo encontro de Lisboa, não temos dúvidas. O futebol inglês pode não atravessar um período áureo, pode não ser igual a épocas passadas, — mas está suficientemente capaz de fazer aquilo que não podemos ver a franceses e portugueses em Colombes. Muito cuidado...

F. M.

CAMPEONATO NACIONAL

O VASCO DA GAMA

segue à frente da classificação

No próximo domingo, realiza-se o primeiro treino da selecção nacional

Por absoluta falta de espaço, não nos foi possível inserir, no último número, os habituais comentários aos jogos do Campeonato Nacional. Sabe-se, porém, que o Vasco da Gama conseguiu infligir a primeira derrota ao Olivais e que o Belenenses, corando uma reacção feliz, venceu, nos últimos minutos, um Atlético que o dominou durante quase todo o tempo.

Na derradeira jornada da primeira volta, os campeões do Porto voltaram a vencer, desta vez o Belenenses, e o Benfica — um dos favoritos da prova — superou o Olivais, por margem que não deixa lugar para dúvidas.

Assim, ao entrarem na segunda fase do torneio, as equipas estão escalonadas, por esta ordem:

Vasco da Gama — 8 pontos e 4 vitórias. Benfica — 6 pontos, 3 vitórias e 1 derrota. Olivais — 4 pontos, 2 vitórias e 2 derrotas. Belenenses — 2 pontos, 1 vitória e 3 derrotas. Atlético — 0 pontos e 4 derrotas.

O F. C. do Porto continua na situação de «eliminado da prova».

Os encontros que encerraram esta parte do campeonato, colocaram, frente a frente, o Vasco da Gama, o Belenenses, o Benfica e o Olivais.

Quanto ao primeiro destes jogos, podemos dizer que os campeões do Porto venceram normalmente. Na realidade, os «azuis» pareciam ser, de momento, inferiores aos seus adversários de agora. Na primeira parte do jogo, ainda o equilíbrio foi manifesto, pois o intervalo chegou com os «cinco» distanciados por 1 ponto apenas (18-17 a favor do Vasco da Gama). No segundo tempo, as coisas não correram tão bem para os lisboetas e o desafio terminou, para eles, com uma desvantagem clara — 44-31.

O Belenenses não apresentou a sua melhor equipa e a falta de Luis Neves deve ter tido influência na marcha do resultado.

Em Lisboa, os «encarnados», nos primeiros vinte minutos, não conseguiram marcar superioridade, tendo consentido, mesmo, em determinados períodos, o domínio dos representantes de Coimbra. Não se estranhou, portanto, que os grupos fossem para o descanso sem diferença a dividi-los (26-26).

Ainda se acreditou numa surpresa, mas os benfiquistas, por terem dado melhor rendimento, na segunda parte do desafio, lograram vantagem confortável e terminaram a partida com 16 pontos sobre os seus competidores.

Como marcadores, evidenciaram-se Montalvão (30) e Fernando Pereira (22).

A primeira ronda da segunda volta vai dar-nos o grande encontro do Campeonato: Benfica-Vasco, em Lisboa, no próximo sábado. Estarão em luta as duas melhores equipas portuguesas e este sensacional encontro deve designar o futuro campeão de Portugal.

Completa a jornada o jogo Atlético-Olivais, também em Lisboa, o qual, segundo esperamos, proporcionará a primeira vitória aos alcantarenses.

Portugal-Espanha

Começa, no domingo, dia 13, a preparação dos jogadores que, em Maio, se deslocarão a Madrid, a fim de disputarem o encontro Portugal-Espanha.

O seleccionador nacional, nosso ilustre amigo, sr. José Dias Pereira, convocou, para essa data, 22 elementos, pertencentes a vários clubes de Lisboa, Porto e Coimbra.

A reunião efectuar-se-á no campo de cimento do Maria Pia Sport Clube.

Salazar Correia

Monteiro Poças

PEDESTRIANISMO

Nova vitória de Filipe Luís

A corrida em estrada de 15 km. disputou-se no domingo pela 6.ª vez, no habitual percurso do Campo Grande a Sacavém e volta, com a escassa participação que é de costume nas provas do género: sete homens apenas, o que nos faz prever autêntico fiasco para o próximo Regional de Fundo e para a Maratona Nacional.

Na prova de domingo, a vitória pertenceu uma vez mais ao sportinguista Filipe Luís, que foi a grande figura da temporada de Inverno. Contou os êxitos pelo número de participações.

Correu em perfeito à vontade a quinzena de quilómetros e ficou a escassos segundos, apenas 18, do tempo recorde de Nogueira (50 m. 37 s.); está em excelente forma, que mais lhe valoriza a classe e não custa a vaticinar que será notável a sua próxima época de pista.

Depois da citação ao vencedor, cabe referência elogiosa a Afonso Marques, apesar do seu terceiro lugar. Eis um rapaz ao qual as obrigações do serviço militar transformaram por completo o plano de preparação atlética, que apareceu nas primeiras provas do ano com exagerada sobrecarga adiposa, sem fôlego nem capacidade muscular, relegado para os últimos postos, ele que fechara a época passada com um título ibérico e um recorde nacional; no entanto, persiste no treino, trabalha sob uma orientação conscienciosa e se aproxima meritariamente do que foi e, por certo, voltará a ser dentro de poucos meses quando recomeçar correndo em pista.

O benfiquista Manuel Gonçalves conquistou o segundo lugar, ultrapassando Marques nos últimos quilómetros; é o tipo do corredor de grandes distâncias, sem grandes rasgos iniciais, mas que acaba por se impor pela sua regularidade de marcha. Não terá adversários à sua craveira nas próximas corridas de grande fundo, nas quais é até possível que não chegue a ter adversário que como tal se possa considerar.

Stadium

Desde o n.º 1, 2.ª Série, cada exemplar, 2\$50



Pouco depois do início dos «100 Quilómetros», os ases marcham em pelotão



Império dos Santos, na volta de honra ao campo do Benfica, antes do jogo com o Estoril. Apoteose!

Os "ASES" em acção NAS GRANDES PROVAS de CICLISMO



Império dos Santos, na Estrada de Carriche, já isolado, caminha velozmente para a meta e para a glória



O Benfica volta ao ciclismo. Eis a sua fortíssima equipa



O Sporting continua a dedicar-se ao ciclismo. O forte grupo dos leões



Os aspectos curiosos da prova de «50 quilómetros» para amadores, renhidamente disputada

*a "classe" do Benfica
domina e vence!*



O Benfica invadiu muitas vezes a área do Estoril. Sebastião, o guarda-redes deste club, trabalhou esforçadamente. Ha energia, força e agilidade no salto que reproduzimos!



Mais um ataque às redes do Estoril. Estabelece-se confusão, mas o perigo passa!



Um mergulho de Sebastião, em est. l. corr. etc. Arsénio segue o lance, e Alberto protege o seu companheiro das redes... E' a função dos defesas!



Uma jogada da defesa do Estoril

Todos os jogadores em movimento, quer os do ataque quer os da defesa! Espírito Santo intervém directamente no lance que se gora às mãos de Sebastião...



Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VII — A corrida da légua (continuação)

A temporada de 1931 foi, em animação, bastante inferior à precedente; António de Carvalho foi campeão do Porto em 17 m. 4,4 s.; Manuel Dias, campeão de Lisboa em 16 m. 31,2 s., de Portugal em 15 m. 44,4 s. e vencedor no Porto-Lisboa em 16 m. 40 s., seguido sempre por Ernesto Silva; no Sétimo Lisboa, ganhou o setubalense



A equipa da selecção lisboeta que disputou em Vigo o corte-mato contra os representantes da Galiza, no qual alcançaram os quatro primeiros lugares

Carla Júnior em 17 m. 51 s., batendo Ernesto Silva.

Finalmente, no concurso da Figueira da Foz, registou-se o grande surpreso, com a vitória de Diamantino França em 16 m. 10,6 s., precedendo Manuel Dias de um peito.

Esta derrota, filha da exagerada confiança do campeão, deu brado e influiu para o especial relevo e expectativa da prova de 3.000 metros do concurso de «Os Sports», onde voltaram a encontrar-se os dois rivais; Dias ganhou, destacado, em 9 m. 9. s., precedendo França, Carla, Ernesto Silva, etc.

O reinado de Manuel Dias, agora sob a camisola vermelha do Benfica, para onde emigrara depois de um conflito com a direcção do Sporting, gerado em diferendos respeitantes à prova da légua que fora correr à Anadia, durou ainda mais dois anos; em 1932 ganhou o Regional em 14 m. 44,6 s., o Nacional em 15 m. 34,2 s. e o Porto-Lisboa em 16 m. 30,2 s.

Na Prova da Taça Macedo Chaves (Sporting contra o resto de Lisboa), à qual não compareceu, a corrida foi ganha em 15 m. 56 s. por Adelino Tavares, que começava afirmando o seu valor, apesar do estilo saltitante demasiado oneroso, que nunca conseguiu modificar satisfatoriamente.

Em 1933, Dias ganhou apenas o Nacional, em 16 m. 20,8 s., batendo na Pista do Lima o conimbricense Diamantino França por um peito e beneficiando da ausência de Adelino, do clube dos Vencedores de Jornais, que já por

duas vezes o batera durante a época; no Regional em 16 m. 25,8 s. e no encontro Lisboa-Barcelona, em 15 m. 50,6 s., de ambas as vezes venceu primeiro. Nesta última prova o catalão Mur foi batido pelos dois portugueses.

Nas competições do Norte dominou um outro Dias, Francisco de nome, vencedor em Espinho em 16 m. 54,4 s.; em Braga, 16 m. 58 s. e no Regional, 17 m. 20 s. Num torneio organizado também no Porto pelo Sport Clube, os 5.000 metros foram para Mério José, um lisboeta transfuga, em 16 m. 47,4 s.

Na temporada de 1935 os vencedores variaram, sendo Adelino Tavares, que ingressara no Sporting o que melhores resultados obteve. Em Barcelona, na devolução da visita aos catalães, voltou a ganhar a légua, em 15 m. 40,8 s., seguido por Manuel Dias, e triunfou novamente no Nacional em 16 m. 15,2 s., com o mesmo segundo, em 16 m. 35,8 s.

Adelino não compareceu na prova Regional, que Tiago Ribeiro conquistou em 16 m. 30 s., com Dias no colo, em 16 m. 37 s.

As duas vitórias de Tavares nos encontros com Barcelona confirmaram uma marcada tendência para o triunfo nas lutas contra espanhóis; com efeito, em 1933, no período áureo de Manuel Dias, Adelino Tavares foi seleccionado para a equipa lisboeta de corte-mato, que foi a Vigo bater-se com os galegos e conquistou, contra toda a expectativa, o primeiro lugar, seguido pelos restantes compatriotas: Dias, Miguel e Almeida.

No activo da época encontramos ainda mais duas provas de distância: a Regional do Porto, cujo vencedor foi António Farrelro, em 16 m. 22,2 s., e a de Coimbra, ganha por Júlio Duarte, do Anadia, em 17 m. 35 s.

Em 1936 a tabela de vencedores muda por completo. Vejamos: no Regional do Porto, Albino Silva em 16 m. 50,2 s.; no Regional de Lisboa, Manuel Nogueira, cujo nome nos aparece pela primeira vez nestas notas, em 16 m. 41 s.; António Fonseca, vencedor no Nacional em 16 m. 10 s. e nas Coidas de Rainha em 16 m. 14,6 s.; finalmente, Matos Henriques ganhou no Concurso do Belenenses, em 16 m. 15,6 s.

Manuel Nogueira, o simpático e enérgico corredor do Cartexó incorporado nas hostes belenenses, foi o homem dos anos seguintes; 13 vitórias em 7 anos, com dois eclipses totais em 1939 e 1942.

Na temporada de 1937 classificou-se campeão regional em 15 m. 57,6 s., nacional em 16 m. 6 s. e vencedor no Jogos Nacionais do Estoril em 16 m. 30,4 s.; os seus imediatos nestas provas foram, respectivamente, Fonseca, Miguel e

Dias. O campeão do Porto voltou a ser Albino, em 16 m. 40,4 s.

Os detentores dos títulos conservam-nos na época seguinte; Nogueira, em 16 m. 34,9 s. e 15 m. 51,6 s., seguido respectivamente por Dias e França; Albino em 16 m. 40 s., precedendo Coulinho Mourão.

No torneio do «Os Sports» venceu de novo Nogueira, em 16 m. 17 s., de novo com Diamantino França em segundo lugar.

Nestas duas épocas, a légua foi incluída nos Campeonatos de Escolas Médias e Superiores, sendo vencedores Jaime Pires em 18 m. 52,4 s. e Manuel Beirão em 20 m. 0,5 s.

Os programas de 1939 e 1940 resumiram-se ao mínimo regulamentar; campeonatos do Porto, Albino em 16 m. 25,5 s. e Coulinho Mourão em 16 m. 33,7 s.; campeonatos de Lisboa: Matos Henriques em 16 m. 35 s. e Aníbal Barão em 15 m. 55,6 s.; campeonatos nacionais, Matos Henriques em 16 m. 16,8 s. e Manuel Nogueira (que fora segundo nas duas provas de 1939) em 15 m. 48,9 s.

Foi muito mais animado o ano de 1941; no dia de S. João, no Parque de Coimbra, Manuel Nogueira, já sportinguista, venceu uma prova de cinco quilómetros em estrada — possivelmente mal medidos — no tempo que seria recorde, de 15 m. 24 s., batendo pelo ordem Pires de Almeida, Salvador Antunes e Diamantino França, cuja longevidade atlética é de admirar.

Albino Silva foi uma vez mais campeão no Norte, em 16 m. 25,5 s.,

• Nogueira vencedor nos restantes: regional em 16 m. 2 s., seguido por Joaquim Correia; nacional em 15 m. 52 s., seguido por Fernando Soares e no Porto-Lisboa, em 16 m. 25 s., seguido por Albino.

A figura mais destacada em 1942 foi o jovem benfiquista Pires de Almeida, campeão regional em 16 m. 52 s., e nacional em 16 m. 4,9 s.; a primeira destas provas deu lugar a acesa luta e, além do vencedor, classificaram-se Filipe Luis em 16 m. 17 s., João Silva em 16 m. 18,1 s. e Alberto Ferreira em 16 m. 21,6 s.

Outras provas do ano: regional do Porto, Albino Silva em 16 m. 31 s.; Légua do Amadora, em estrada, Salvador Antunes em 16 m. 24 s.; torneio da FNAT, Armino Pereira em 18 m. 59 s.

Em 1943 o número de corridas volta a resumir-se às três indispensáveis: Porto, Bernardo Silva em 17 m. 27,7 s., Lisboa e Nacional, Nogueira em 17 m. 9 s. e 16 m. 34,2 s. Uma mais em 1944, o campeonato de Coimbra, para Frutuoso Mendes, em 17 m. 47,8 s.; para os restantes; no Porto, Albino em 17 m. 8,2 s., em Lisboa e no Nacional, João Silva em 15 m. 57,4 s. e 15 m. 48,8 s.

Não nos estenderemos aos dois últimos anos, cuja história se encontra nos nossos crónicas em páginas desta revista; diremos apenas que João Silva foi embatido

Salazar Correia

(Continua na página 14)



João Silva e Afonso Marques, que durante dois anos foram nas corridas de fundo, nacionais, o homem e a sombra

Uma entrevista com José Dias Pereira

seleccionador nacional de basquetebol

A pós largo interregno — mais de uma década — Portugal e Espanha vão encontrar-se, pela segunda vez, em basquetebol, num jogo marcado para 14 do próximo mês de Maio, conforme já é do domínio público. É tal como da vez primeira, o prémio realizar-se-á na capital espanhola.

A popular modalidade da bola ao cesto está, assim, de parabéns, nunca sendo demais insistir na utilidade destes encontros peninsulares — absolutamente indispensáveis sob vários pontos de vista. Estimulam os jogadores e despertam o interesse do público. E dão-nos, sobretudo, os frutos sempre preciosos do contacto internacional, factor imprescindível para o progresso de qualquer modalidade desportiva.

Para a delicada e ingrata missão de seleccionador a terna lusitana, escolheu a Federação Portuguesa de Basquetebol o nosso prezado camarada do «Mundo Desportivo» José Dias Pereira.

Não podiam, realmente, os dirigentes do basquetebol português ser mais felizes na sua escolha. Dias Pereira é um nome que, por si só, é uma garantia.

De forma alguma nos é possível, por absoluta carência de espaço, enunciar o que tem sido a sua ininterrupta e profícua actividade de muitos anos, em favor da modalidade, tanto mais que tem sido exercida em locaets bem variados.

Foi jogador dos primeiros tempos. E algumas das suas «arcanadas» não esquecer nos rapazes de então... Dirigente, com larga folha de serviços prestados, tanto na Associação de Lisboa como no organismo máximo, fez parte da Comissão de Árbitros, depois de ter sido, também, juiz de campo.

Como jornalista, há bem três lustros que o ranger da sua pena honesta não cessa. E porque com ele, muitas vezes, temos trabalhado, lado a lado, conhecemos bem o seu espírito de isenção e de camaradagem.

Agradável nos foi, pois, entrevistar para a «Stadium» o seleccionador nacional de basquetebol. E Dias Pereira — que um dia, episódicamente, passou por esta casa — accedeu de bom grado. A entrevista fez-se, ilagrante de oportunidade.

Onde se fala do basquetebol espanhol

Colocamos a primeira pergunta:

— Qual o panorama actual do basquetebol no país vizinho?

— O basquetebol espanhol assenta, principalmente, em dois pilares: Barcelona e Madrid, duas cidades a que pertencem os clubes que disputam o Campeonato Nacional da 1.^a Divisão. O basquete catalão é bastante parecido com o nosso. Os madrilenos, ao contrário, praticam um jogo muito mais lento, ressentindo-se ainda da permanência, nas suas fileiras, de antigos elementos que fizeram a sua aprendizagem na América. Em Barcelona, a modalidade tem evoluído muito, dentro das modernas concepções táticas. Nas

outras regiões joga-se relativamente pouco.

E continuando o seu pensamento, Dias Pereira acrescenta:

— Não possuímos grande cópia de elementos para podermos avallar, com segurança, do valor do basquetebol espanhol. No entanto, e baseando-nos nas exhibições feitas, entre nós, pelo América, de Madrid — que joga no Porto e em Coimbra, perdendo todos os encontros — e pelo Lryetano, de Barcelona — que trianhou em todos os prêmios disputados na capital, mas perdendo os dois desafios reali-

vial e do Futebol Clube do Porto — com base nos seus juniores das últimas épocas — e bem assim o nivelamento dos restantes clubes. Na cidade do Mondego, o Olivais — caso curioso, com base nos seus juniores de há duas épocas — conquistou com brilho o campeonato nacional da 2.^a Divisão de 1945-46, e destruindo o Sport Conimbricense no torneio regional desta época, adquiriu o direito de ingressar na 1.^a Divisão. Em Setúbal não tem havido quaisquer revelações, e na região de Aveiro merece registo a carreira do Sangalhos, especialmente nes duas últimas épocas. A modalidade está, pois, infelizmente, pouco difundida.

Cotejando...

A menos de dois meses do encontro, o leitor terá, por certo, curiosidade em saber das possibilidades da nossa equipa, tanto quanto possível, claro. O que valemos perante a Espanha? Que probabilidades levarão os nossos representantes na sua bagagem?

Essa mesma curiosidade, também nós a manifestamos a Dias Pereira. O nosso prezado camarada dá-nos, em síntese, o seu pensamento, a um tempo com ponderação e conhecimento de causa:

— A primeira vista, tudo nos parece indicar que um encontro entre as seleções dos dois países peninsulares deve decorrer em toada de equilíbrio para um e outro lado. Não nos devemos esquecer, no entanto, que isso depende, em grande parte, da forma como forem constituídas as seleções. Em qualquer dos casos, o desvial não deve ser acentuado. Isto, am tanto dentro do campo teórico, acentua-se...

O plano do seleccionador

Há uma peana na nossa conversa. Dir-se-ia que Dias Pereira ficara preso às reticências da sua última frase. De facto, todas as conjecturas são teoria para. A realidade só surgirá no dia 14 de Maio, em Madrid. Mas até lá, a acção do seleccionador todo irá prevendo — e acatutando.

E José Dias Pereira havia de ter já um plano elaborado, ou, pelo menos, esboçado. E, quando, a quebrar o silêncio, lhe perguntamos qual era esse plano, ou, por outras palavras, que acção ia desenvolver até à altura do encontro, respondeu-nos:

— Plano, no verdadeiro sentido da palavra, não há, nem pode haver, já porque o basquetebol não tem as possibilidades materiais de outras modalidades, já porque as exigências do campeonato nacional, presentemente em curso, não permitem

um reanúio periódica dos jogadores que, em princípio, se prevê que venham a constituir a terna nacional. Entretanto, dividi o meu trabalho entre três fases, a saber: em Março, não só acompanharei de muito perto o campeonato nacional da 1.^a Divisão, como verei em acção outros elencos que não estão disputando esta prova, tendo-me deslocado, para esse efeito, a Coimbra e a Aveiro, respectivamente, no sábado e domingo últimos; em Abril — já indicados alguns dos prováveis seleccionados — fer-se-ão, sempre que o calendário dos jogos oficiais assim o permita, reanúios para adaptação dos jogadores; e finalmente, desde o dia 3 de Maio no dia da partida, os seleccionados — que serão dez — reanúio-se-ão em Lisboa para afinarem o conjunto, criando, também, o indispensável espírito de equipa. Para esta fase final será, possivelmente, nomeado um treinador, que trabalhará sob minha orientação e sob minha inteira responsabilidade.

E encerrando o seu pensamento: — Dentro do que me for possível fazer em tão curto espaço de tempo, e dentro das possibilidades do nosso basquete, empregarei todos os meus esforços para corresponder às exigências do cargo que aceitei com satisfação e procurarei de-

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

sempenhar com dedicação e entusiasmo, certo de que prestarei um bom serviço ao basquete português. Independentemente do resultado que conseguirmos na capital espanhola — e que sinceramente espero que seja honroso — a jornada valerá por si própria, como propaganda de uma modalidade que possui inúmeros motivos de agrado, e como sintoma de actividade internacional, sempre útil e tão necessário.

E aqui acaba, naturalmente, a entrevista, dado que, por motivos que facilmente se compreendem, de momento, o seleccionador nacional de basquetebol nada mais nos podia declarar. Resta-nos, por nossa parte, e antes de pormos ponto final, desejar a José Dias Pereira — bom camarada e bom amigo — os maiores felicitades no desempenho da sua difícil e ingrata missão.

Abreu Torres



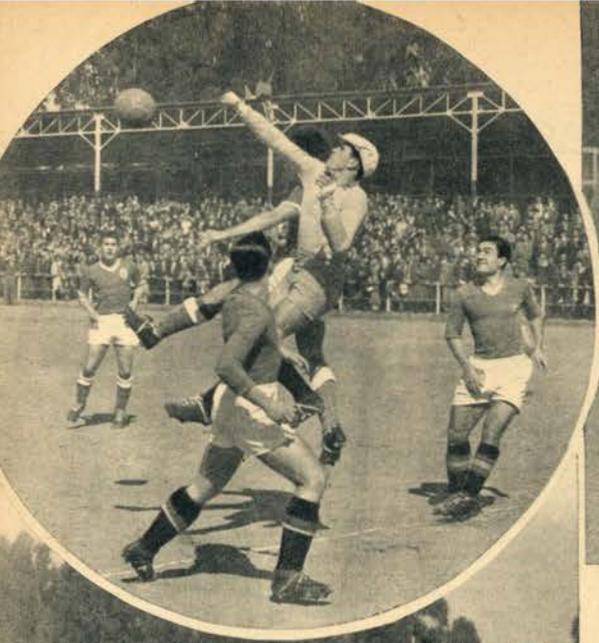
José Dias Pereira

zados na cidade Invicta — e ainda levando em consideração as afirmações feitas pelos jogadores do Belenenses, quando da sua visita à capital da Catalonha, podemos afirmar que o basquetebol espanhol, variando de características de região para região, possui esplendidos valores individuais, não podendo nunca esquecer-se que a Espanha se classifica brilhantemente em segundo lugar nos antepedíltimos campeonatos europeus, disputados em 1935, tendo vencido, nessa altura, nos meios finais, a equipa da Checo-Eslováquia, que em 1946 se viria a classificar campeã da Europa.

Lisboa, Porto e Coimbra em evidência

Observemos agora o caso português. E arquivemos, a esse respeito, o depoimento de Dias Pereira.

— Entre nós, continuamos circunscritos, quase, a Lisboa, Porto e Coimbra. Na capital — embora o número de equipas de valor equilibrado seja maior do que em qualquer outra região — nota-se a falta de jogadores novos, de revelações. No Porto, o Vasco da Gama continua a renovar as suas fileiras, devendo dar-se, também, a sabida do Fla-



Ao lado, no círculo — O guarda-redes do Belenenses, e figura central do encontro, detendo mais uma vez com êxito. Em cima — O team do Belenenses, campeão distrital de juniores na presente época.

BELENENSES CAMPEÃO de JUNIORES



O grupo do Benfica, que chegou com justiça à final dos juniores



Pedestrianismo, 15 quilómetros em estrada — 1 — A partida: todos abelam com esperanças. 2 — O vencedor, Filipe Luis, do Sporting corta a meta isolado, em primeiro lugar



Os ciclistas populares que tomaram parte na prova organizada pela Associação de Ciclismo do Sul. Na primeira fila vêem-se os corredores do Cova da Piedade, cujas cores aparecem pela primeira vez em provas oficiais



Rogério, um dos grandes jogadores portugueses, casou-se há dias com a sr.ª D. Maria Isabel Guerra dos Santos. Stadium deseja ao simpático casal todas as venturas e prosperidades

A NOVA
SÉDE
do
DESPORTIVO da
COVA da PIEDADE

A inauguração das novas instalações do Desportivo da Cova da Piedade. O sr. dr. Salazar Carreira, que presidiu à cerimónia, no ícar da bandeira da progressiva colectividade





Um dianteiro do Sporting entre dois foveos...

Na **TAPADINHA**
o **SPORTING**
teve boa vida...



Azevedo, com ligeireza, passa por cima de um cacho de jogadores para defender a sêco...



O Atlético atacou várias vezes com impeto, mas não soube desferir o golpe mortal!



Equipa de Lisboa. — Da esquerda: Reis e ... Albinho, dr. Branquinho e Alvaro Carvalho



Travassos e Baptista lutam, cada qual no seu estilo. Peyroteo tem esperanças de ser beneficiado!



Equipa do Porto. — Da esquerda: ... Fortunato, Almeida e Rego



O Benfica não esquece os seus atletas! Eis um aspecto da trasladação dos restos mortais de Tamanqueiro, um jogador que iluminou o futebol português, para um dos ossários da Câmara Municipal, a expensas do clube. A família do desditoso jogador, dirigentes, jogadores e sócios do Benfica viveram todos um grande instante na recordação de Raúl de Figueiredo

PORTO-LISBOA
EM BILHAR

Do reaparecimento do Benfica

à vitória de Império dos Santos

Tínhamos razão ao prever que a actividade do ciclismo receberia um forte impulso com o reaparecimento do Benfica na categoria de Independentes.

Os factos aí estão a demonstrar que os «encarnados» fazem feita à modalidade, que, aliás, muito contribuiu, noutras épocas, não só para a grande popularidade de que o clube desfrutava, mas também para o enriquecimento do seu património. Dezenas de taças atestam o valor que no ciclismo alcançou o Benfica, através de corredores que importa recordar agora — Nicolau, Aguiar da Cunha, Aguiar Martins, César Luis, Gil Moreira, Ramos Mealha, Santos Almeida, Júlio Borges, Alfredo Piedade...

De modo que os verdadeiros amigos do ciclismo, aqueles que apreciam o colorido das suas demonstrações de actividade, a emoção de que se revestem certas lutas, a beleza do esforço atlético que a sua prática exige, o entusiasmo que provoca, não podem deixar de sentir-se satisfeitos.

Para além daquilo que um triunfo tem de efémero, o que importa é salientar o regresso dos benfiquistas e o interesse de que a corrida de 100 quilómetros se revestiu. À chegada, ao Campo de 28 de Maio, viam-se milhares de pessoas e ao longo do percurso a passegem dos concorrentes despertava a mais viva curiosidade. Há seis anos que o público não presenciava, na categoria dos «ases», a luta Benfica-Sporting.

O êxito da prova foi inegável — como grande jornada de propaganda. Desportivamente, trazia-se pela queda do recorde no percurso seguido desde 1944. Mas, em boa verdade, a corrida não teve emoção. Muito cedo começou a desenharem-se o provável vencedor. Praticamente a corrida acabou aos trinta e cinco quilómetros.

Quando, na estrada de desvio, Castódio dos Reis e João Rebelo — um sportingista e um benfiquista — se destacaram do pelotão, não se previa que o golpe surtisse efeito. Mas, ao passo que os dois ciclistas prosseguiam no seu esforço, bem condizido, os companheiros de cada um deles renunciaram a persegui-los. A esta compreensível falta de iniciativa correspondia o redobrar de esforços dos dois fugitivos. De modo que, a poucos quilómetros da partida, à saída de Odivelas, já eles tinham 1 m. 25 s. de avanço!

Em Caneças, Império dos Santos não se conformou com o andamento do pelotão, onde faltavam corredores de outro clube que não fosse aquele, para se travar luta. Abalou com Eduardo

Lopes, com tanta felicidade e oportunidade que, dentro em breve, dois «faros» de João Rebelo colocavam Império dos Santos na contingência de uma perseguição magnífica. O benfiquista atacou decididamente, deixando Eduardo Lopes, ainda insuficientemente preparado, e lançando-se no encaixe de Castódio dos Reis. Este, na Venda Seca, tinha 1 m. 20 s. sobre Império, 2 m. 20 s. sobre o pelotão de cinco homens, 3 m. 30 s. sobre o algarvio Manuel Barros — o único estranho ao Benfica e ao Sporting — e 4 m. sobre João Rebelo.

A perseguição admirável de Império só produzia o efeito por ele desejado quando iam percorridos 35 quilómetros, pouco mais ou menos. Já nesta altura, ainda muito antes da Ericeira, os corredores da retaguarda tinham por completo renunciado à luta.

Em bom andamento, revezando-se a «paxar», Castódio e Império foram aumentando o seu avanço. Na Ericeira, o «leão» deu um arranco e ganhou metros. Mas o benfiquista não tardou a recolar e a fazer com Castódio a segunda rampa.

Maltra vi-os passar com 4 m. 35 s. de avanço sobre o pelotão, onde ainda não seguia João Rebelo. E até à meta, a vantagem do vencedor, relativamente aos cinco homens do pelotão, passou para... 8 m. 58 s.!

Tudo indicava que o primeiro lugar se decidiria no Carriche

ou no «sprint» final, aqui com mais probabilidades de Castódio dos Reis. Mas em Flamenga, Império atacou, partindo velozmente da retaguarda. Ganhou uma dezena de metros. Castódio tentou responder, despedalou-se, caiu, partiu o guidão, substituiu a bicicleta pela de Aristides Martins, que acompanha a corrida, e, entretanto, Império fugia para não mais ser alcançado e bater o recorde por 43 s. O benfiquista cortou a meta com 1 m. 19 s. sobre Castódio, que ficou a 36 s. do melhor tempo anterior (Túlio Pereira, 1944, 3 h. 10 m. 15 s.).

A maneira como a corrida foi disputada não permite concepções seguras acerca da forma de todos os corredores e do valor relativo de cada uma das equipas. Que Império e Castódio estão em excelente forma, conlantes e firmes, é inegável. Mas os outros? Rebelo, por exemplo, conseguiu alcançar o pelotão. Mas deve atender-se a este pormenor: que de Maltra para Lisboa o citado pelotão perdeu mais 4 m. 23 s. ...

Aparentemente, a equipa do Benfica parece mais forte: fez 10 pontos com os três primeiros e o Sporting somou 13. Esta «classificação» é bastante abstracta, porque a corrida não tinha classificação por equipas. E não dá grandes indicações, atendendo exactamente à forma como a prova decorreu. Há que aguardar outra competição para,

(Continuação da página 10)

durante eles, com excepção do Portugal-Espanha, em Barcelona, onde o seu rival Afonso Marques o derrotou, descendo simultaneamente o velho recorde de Manuel Dias.

Provas realizadas: 5 em 1945 e 4 em 1946.

Corredores com menos de 16 minutos na légua: Afonso Marques (Sp.), 15 m. 25 s., 27-7-46; Manuel Dias (Sp.), 15 m. 25 s., 26-7-30; João Silva (Bf.), 15 m. 35 s., 20-6-45; Marques Graça (V. J.), 15 m. 37 s., 12-7-25; António de Almeida (V. J.), 15 m. 40 s., 16-7-27; Adelino Taveres (Sp.), 15 m. 40 s., 25-5-35; Manuel Nogueira (Bel.), 15 m. 48 s., 10-8-40; Aníbal Barão (Bel.), 15 m. 53 s., 10-8-40; Fernando Soares (Cf.), 15 m. 57 s., 10-8-40; José Eduardo Leite (Ac.), 15 m. 59 s., 25-8-27; António Figueiredo (Sp.), 15 m. 59 s., 5-8-33; Oliveira e Silva (Bf.), 15 m. 59 s.

Os campeões nacionais, de 1913 a 1946, foram todos indicados no curso destes apontamentos. Os títulos ficaram, durante estes 28 anos, divididos assim pelos clubes: Sporting 10, Benfica 9, Vendedores de Jornais 5, Belenenses 4, e Internacional 1, o primeiro.

S. C.

definitivamente, se fazer um juízo mais perfeito.

A vitória de um benfiquista serviu muito bem a modalidade. E melhor ainda por ter sido alcançada por um corredor que não seja do Sporting...

Acreditamos, agora, no renascimento seguro do ciclismo. O primeiro passo está dado.

Manuel Moia

ANDEBOL

O BELENENSES

campeão de Lisboa

Por motivos diversos, não temos podido acompanhar este ano a actividade do andebol com a assiduidade que desejaríamos, mas em quantos encontros presenciámos se deram incidentes à base de indisciplina gerada em falta de energia ou discutiável competência de quem dirigia o jogo.

Considerando válida a classificação actual do campeonato, será o Sporting o companheiro do Belenenses no Nacional, e ainda a «Caf», se for aumentado para três o número dos representantes de cada Associação.

Seguem-se «Os Treze», Benfica e, com a lanterna encarnada, o Oriental, que terá de sustentar o ataque do Almada, vencedor da 1.ª Divisão, no jogo de passagem.

Não temos presente a data do

Início do campeonato da Federação, mas deve ainda tardar, pois está por terminar o regional no Porto; sendo assim, fica a Associação de Lisboa com umas tantas datas livres para a preparação da sua equipa representativa, na eventualidade do seu anunciado encontro com o grupo de Barcelona, no programa desportivo das Festas da Cidade.

Nada de desculpas. Os catalães, que já vimos jogar, são adversários de temer: não adormecemos à sombra dos louros colhidos porque o despertar pode ser muito desagradável. O nosso andebol perca classe e, em contrapartida, o de Espanha progredia muito.

Ora as imprudências custam sempre caras...

José de Eça

Desporto e desporto

A ideia desportiva possui dois aspectos distintos e desigualmente conhecidos; vive, de modo geral, ligada ao espírito público à competição no futebol, ao esforço para vencer uma corrida a pé ou em bicicleta, à luta implacável de dois pugilistas que procuram mutuamente derrubar-se. Corresponde, assim, à definição olímpica de Coubertin, para quem desporto é o culto intensivo e arriscado do exercício físico.

Há, porém, outra feição do exercício desportivo que importa muito mais divulgar, porque muito mais enquadrável em moldes educativos. O desporto olímpico pode, na realidade, trazer vantagens de carácter educativo, mas sujeito a reservas que fazem dele um agente de excepção.

O reitor da Universidade de Rugby, Tomás Arnold, que foi no século passado o grande promotor da organização desportiva nas escolas inglesas, apregou com razão o benefício resultante, para os homens, da luta entre a vontade e o instinto do organismo na educação do esforço; o indivíduo moço deve saber querer, sem temor ao imprevisto, aceitando as situações difíceis em cujo afa desenvolverá o espírito de iniciativa, ousando aventurar-se, resistindo à fadiga e à dor física.

Na seu interessante livro «A mocidade e o desporto», o abade Vaillermel não hesita em afirmar que o desporto é uma escola de obediência, de solidariedade e, também, de iniciativa.

A questão comporta, no entanto, um aspecto que obriga a determinadas reservas, pois o culto das virtudes morais por intermédio do desporto de competição não se pode fazer sem preço para o próprio moral dos praticantes; o êxito ou a ambição podem desviá-los do bom caminho e os atletas deixarão de ser inspirados pela vontade simples e saudável de aperfeiçoamento para serem apenas arrastados pela vaidade ou pelo interesse material.

Existe, porém, outra fórmula de desporto, aquela que erradamente menos satisfaz as grandes multidões e é, afinal, a que mais nos importa divulgar.

Hébert definiu a «qualquer espécie de exercício ou actividade física tendo por objectivo a realização de determinada proeza e cuja execução assenta principalmente sobre a ideia de luta contra um elemento exterior ou, por analogia, contra a própria individualidade».

Assim considerado, o desporto passa a ser excelente meio de educação moral. O desporto de competição será forçosamente uma actividade reservada a indivíduos de escol; mas os jogos desportivos e os exercícios ao ar livre serão sempre, quando convenientemente regulados, úteis à

saúde dos indivíduos sãos, sem exigência de robustez e preparação excepcionais.

Recordemos a frase de S. Tomás de Aquino: «Nada há na inteligência que não tenha, primeiramente, passado pelos sentidos», donde se deve concluir que o aperfeiçoamento do corpo interessa ao espírito. «O corpo humano é admiravelmente proporcionado à alma que o anima e por isso a actividade dos sentidos é condição principal para o progresso do espírito».

O rugby português em Espanha

A equipa de rugbi do Sport Lisboa e Benfica deslocou-se na semana finda a terras de Espanha, onde foi disputar dois encontros e reatar uma competência interrompida havia mais de dez anos.

Os resultados de ambos os jogos foram desfavoráveis aos portugueses, por número de pontos que, ainda que não demasiado severo, foi bastante avultado e provou flagrantemente inferioridade.

Esta conclusão era de presumir e nem por isso se devem regatear aplausos à iniciativa do Benfica; assim o compreendeu, certamente, a entidade superior do desporto ao sancionar a sua visita a Madrid na certeza da superioridade adversária. Procurava-se dar alento a um jogo desportivo que asfixia na restrita actividade lisboeta, buscavam-se referências, ensinamentos que não fossem vexatórios, estímulos para os que melhor têm trabalhado; e todos estes objectivos se alcançaram plenamente.

Na situação em que se encontra o rugby português, o seu progresso — diremos mesmo a sua existência activa — será impossível sem novos factores estimulantes; ou se considera a sua prática conveniente de manter e se lhe fornecem elementos de propaganda e desenvolvimento, ou se reconhece que não possui motivo de interesse e se lhe põe o ponto final.

Para a primeira hipótese, aquela pela qual logicamente se aliciam os dirigentes responsáveis pelo desporto português, o contacto internacional era o único tónico eficiente, e, sob esse aspecto, deve ser encarado e aplaudido o empreendimento do Benfica, levando, com pesado encargo próprio, o seu grupo de rugbi a terras de Espanha.

Resta-nos esperar que a experiência aproveite e tenha continuidade: levando, por um lado, à compreensão das necessidades de intensificar e melhorar a preparação física dos nossos jogadores e, pelo outro, ao recrutamento de novos praticantes e à conquista da simpatia pública que já, em tempos passados, acompanhou a vida da modalidade.

NO «TORNEIO DA PRIMAVERA»

destacaram-se Fernando Madeira, Maria Luísa Malheiro, Murta Barbeiro e Guilherme Patroni

Com um domingo de Páscoa radioso de luz e de sol, o tradicional «Torneio da Primavera» teve o seu fecho condigno, com uma interessante jornada de cenário adequado — a imponente piscina de Verão do Sport Algés e Dafundo.

A natação lusitana teve, assim, a sua primeira jornada ao ar livre. Os nadadores do S. A. D. tomaram o primeiro contacto com a água fria — prelúdio de uma temporada que se antevê sobrecarregada de responsabilidades, mormente no campo internacional.

A terceira e última ronda do «Torneio da Primavera» enquadrou-se perfeitamente no ambiente das anteriores, em nada lhes ficando a dever em animação e interesse.

Provas bem disputadas — dos infantis aos seniores. Com referência especial, como é lógico, para a corrida dos 66 metros-livres, inscrição livre, que se revestiu de pormenores curiosos. Guilherme Patroni fez prova à parte. Foi o admirável «sprinter» de sempre, que venceu e convenceu. Boa marca, os seus 39,1 s. José Cabral Junior triunfou bem de Pereira Bastos, quase sobre a meta. Cabral Junior (43,6 s.). O nosso campeão de meio-fundo creditou-se de 44 s. O jovem e esperançoso Jaime Ferreira Moniz não se inferiorizou em companhia dos consagrados, antes obteve prometedor resultado — 44,2 s.

Os iniciados — em número de sete — corriam os 66 metros-brucos, que proporcionaram a Eduardo Murta Barbeiro (1m. 00,8 s.), excelente triunfo, num «tempo» que merece registo. E dir-se-ia que a «fábrica» de novos e prometedores valores é inesgotável. Assim o demonstra esta prova de brucos, onde Eduardo Candeias (1 m. 04 s.), Eurico Perdigão (1 m. 04,6 s.) e Luís Santos (1 m. 08 s.) tiveram comportamento meritório. E assim o demonstram, igualmente, os 33 metros-brucos, que os infantis correram com o seu entusiasmo peculiar. Caso curioso, que registamos com prazer: alguns disputaram a prova em «mariposas», a revelar particular habilidade. Fernando Madeira (25 s.) e Ezequiel das Neves (26,8s.) averbaram os melhores resultados.

Maria Luísa Malheiro da Silva foi a estrela da jornada, desta vez em 33 metros-costas, que correu com a sua energia habitual, em 28 s. Fernanda Cunha e Regina Dinis Mendes completaram o elenco feminino, onde há verdadeiras promessas.

Feitas as «contas», ou, por outras palavras, apuradas as classificações no conjunto das três jornadas, verifica-se que correram nos três «estilos» regulamentares vinte e quatro nadadores, dos quais três meninas.

O quadro de honra deste «Torneio da Primavera» será formado por Fernando Madeira — o me-

lhor dos infantis — que por sinal triunfou em todas as provas, com relevo especial para a de 33 metros-livres; por Maria Luísa Malheiro da Silva — vencedora na categoria de meninas, apesar de ter estado pouco à vontade na prova de brucos; por Eduardo Murta Barbeiro — nitidamente o melhor entre os rapazes — que totalizou 2 m. 40,4 s., contra 3 m. 01 s., de Rocha Surgey; e por Guilherme José Patroni, que nos surge à frente dos consagrados, com três segundos e seis décimos de vantagem sobre o seu mais directo competidor, o também «internacional» Pereira Bastos.

Mais um «Torneio da Primavera» que terminou — mais uma época que começa, neste fiar perpétuo da vida...

Abreu Torres

O torneio do Estoril-Praia

Fecha hoje a inscrição para o torneio que o Grupo Desportivo Estoril-Praia, de colaboração com a Associação de Natação de Lisboa, organiza nos próximos sábados 12 e 19 do corrente, com inscrição aberta a todos os clubes de Lisboa. Trata-se de uma iniciativa digna dos melhores encômios, que visa, também, à movimentação dos nadadores neste período que antecede a temporada oficial e à qual nos referiremos, como é de justiça, no próximo número.

O banquete de homenagem a Bessone Basto

E' no próximo sábado — dia para que foi adiado — que se realiza, na sede do Sport Algés e Dafundo, o banquete de homenagem a Rodrigo Bessone Basto, no decorrer do qual lhe serão entregues as insígnias de Oficial da Ordem de Instrução Pública, com que recentemente foi agraciado.

Trata-se, com efeito — como já acentuámos nestas colunas — de uma consagração justíssima, a um dos grandes obreiros do Algés e Dafundo e da natação portuguesa.

Ano V — II Série — N.º 227
Lisboa, 9 de Abril de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidade João Gonçalves, 19-3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

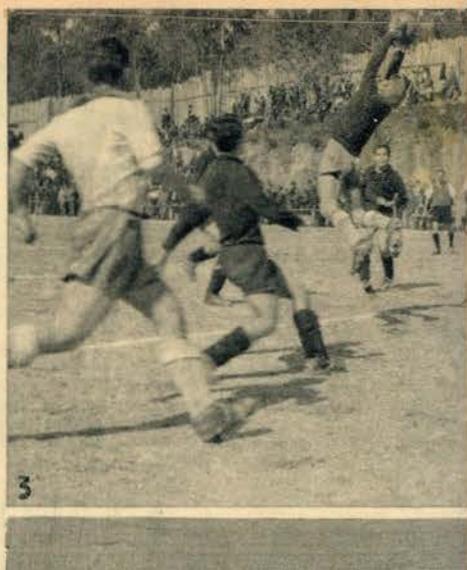
Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA



A brilhante vitória do FAMALICÃO

1 — O sr. prof. Pires de Lima assiste ao jogo Famalicão-Académica e interessa-se pelo decorrer da partida; 2 — Pires tenta passar um defesa da Académica, mas não o consegue; 3 — A Académica ao atacar! O guarda-redes do Famalicão bloca com oportunidade e segurança



A defesa do Boavista trabalhou incansavelmente. Foi batido, é certo, mas com honra. Uma defesa de Mota!

O team de GUIMARÃES na sua grande exibição



Os portuenses remataram, por vezes, de longe. Machado defendeu com relativa facilidade...



1 — O guarda-redes do S. L. e Elvas defende com facilidade e segurança; 2 — Rocha, do Sanjoanense, remata com decisão às bolas

A 1.ª VITÓRIA da Sanjoanense

